

CONSTRUÇÕES E MEMÓRIAS

Em 2024, comemoramos de forma conjunta os vinte e cinco anos de criação da Revista VIS e os trinta anos de fundação do PPGAV da UnB. Para celebrar essas datas, nós havíamos programado uma série de entrevistas com professores e pesquisadores importantes nesse processo de construção, tanto da revista quanto da pós-graduação. Entretanto, fomos atravessados pela notícia do falecimento da professora e colaboradora Bia Medeiros, figura fundamental tanto no nosso programa quanto na Revista VIS, além de sua contribuição inestimável ao cenário artístico nacional.

Dessa maneira, optamos por adiar a publicação das entrevistas e prestar uma homenagem à memória da professora Bia. Montamos um dossiê imagético com fotos de alguns de seus trabalhos mais emblemáticos. Nessa pequena seleção, buscamos abranger desde suas primeiras performances realizadas em Paris, muitas das quais em parceria com a também professora do PPGAV, Suzete Venturelli, até trabalhos icônicos de sua trajetória, como a instalação *Kombeiro e Plantando Mar(ia-sem-ver)gonha no asfalto*. Esses dois trabalhos, especificamente, para além dos significados inerentes às ações, desempenharam um papel político e institucional importante dentro da Universidade de Brasília. Essas obras funcionaram quase como a pedra fundamental do novo prédio do IdA, recentemente inaugurado. As intervenções de Bia Medeiros e seu grupo, *Corpos Informáticos*, demarcaram e continuam a demarcar a fronteira do espaço físico que a arte ocupa nessa instituição de ensino. A relação entre política e humor é uma característica marcante do trabalho dela e aparece também em ações cujas imagens trazemos neste caderno especial, como *Bundalelê de volta às ruas: tarifa zero!* e *Jogo de volêi*. Essas performances fazem comentários irreverentes sobre a conturbada situação política brasileira na última década.

Completando o dossiê, temos o artigo inédito do coordenador do nosso PPGAV, Prof. Cayo Honorato, que comenta a trajetória acadêmica e artística de Bia Medeiros. Honorato demonstra como as ações de Bia agem de maneira política no próprio ambiente acadêmico, assim como interferem na cidade e na sociedade de maneira mais ampla. Também republicamos uma das várias colaborações que Bia teve com a Revista VIS: uma entrevista que ela realizou, ainda jovem estudante em Paris, com o artista alemão Wolf Vostell. Nessa conversa, a então mestrande já demonstrava uma inteligência crítica aguçada, fazendo perguntas e comentários perspicazes a Vostell, considerado um dos fundadores da videoarte no mundo. É um documento que já nasceu histórico e, com o passar dos anos, novos significados foram sendo somados. Dessa maneira, tornamos acessível, de forma digital e gratuita, essa importante entrevista, que fez parte da pesquisa de mestrado de Bia Medeiros.

Ainda nesta edição da Revista VIS, em nossa seção de tema livre, contamos com a colaboração de onze artigos e uma resenha que nos dão um panorama importante do que vem sendo pesquisado em artes em nosso país. Abrindo essa parte da revista, temos o artigo da pesquisadora Almerinda Lopes, intitulado O Colecionismo no Brasil e o Trânsito da Coleção de Arte Construtiva de Adolpho Leirner para os Estados Unidos, no qual ela problematiza a venda da coleção de Adolpho Leirner para o Museum of Fine Arts de Houston, nos EUA, e como esse processo soma-se ao momento de internacionalização da arte brasileira. Em seguida, temos a contribuição de Cristina Dunaeva, com o artigo: Algumas reflexões sobre a arte antimilitarista na Rússia contemporânea, ou da so(m)riedade do fazer artístico em contextos autoritários. No texto, Dunaeva analisa as maneiras pelas quais a arte antimilitarista contemporânea na Rússia se articula e busca contornar problemas como censura e impossibilidade de circulação institucional.

Outra contribuição da seção de tema livre é o artigo Curadoria, cognição e sensibilidade: exposições de arte com inteligência artificial, no qual o pesquisador Daniel Hora analisa a utilização da inteligência artificial em três exposições específicas, relacionando-as com questões da teoria da arte e da mídia. Já Celso Vitelli se debruça sobre a poética de Andres Serrano no artigo O corpo além da pele e Andres Serrano, buscando analisar a sexualidade e a profanação religiosa que as obras de Serrano suscitam.

A pesquisadora Marta Mencarini, última orientanda de Bia Medeiros a defender o doutorado, em novembro de 2024, traz com sua orientadora, em Exaustas e sem recurso: estratégia de artistas-mãe na pandemia os resultados da pesquisa de Mencarini ao examinar o trabalho artístico de mães-artistas que atuam no campo das artes visuais, tendo como cenário a pandemia de COVID-19. Já em Muros e memórias: arte contemporânea em diálogo com estruturas defensivas, Júnia Penna investiga, por meio do estudo de obras de Arthur Bispo do Rosário, Jorge Méndez Blake, Merepe e trabalho da própria autora, as estruturas criadas como barreiras defensivas ao longo da história. A história e a literatura são a matéria para Adriana Vaz problematizar a arquitetura da casa no artigo A casa entre a história e a literatura.

O artigo Pelas mãos de Moisés Patrício: resistência, arte e religiosidade dos pesquisadores Sirlene Ribeiro Alves, Eliane Almeida de Souza e Cruz e Ricardo Tenorio de Albuquerque, questiona o lugar ocupado pela população negra na sociedade e como a arte contemporânea articula questões de ancestralidades e tradições negras/africanas. Os autores trazem esse debate através da análise da obra do artista paulista Moisés Patrício. Aby Warburg é o objeto do artigo de Daniela Queiroz Campos, chamado de A Ninfa Simonetta e a Ninfa Giovanna. No texto de Queiroz Campos, a partir da noção da Ninfa que Warburg constrói, mas especificamente de duas ninfas específicas, Simonetta Vespucci e Giovanna Tornabuoni a pesquisadora ressalta as suas sobrevivências dessas ninfas em imagens produzidas por artistas no renascimento.

Já os pesquisadores Paulo Reis Nunes, Nivalda de Assunção de Araújo e Rogério Câmara refletem no artigo Bicha não morre, vira purpurina: performances, memórias e legado drag-queen sobre a morte das drags queens, seja ela simbólica ou civil, e os legados deixados por elas dessa forma, são abordadas as performances drags e os seus estilos. Por fim, publicamos a resenha que Gláucia Villas Bôas fez do livro Ferreira Gullar: crítico de arte (1950-1971) de Marcelo Mari, lançado em 2024.

Convidamos a todas e todos a lerem e curtirem esse número especial da Revista VIS. As entrevistas sobre os vinte e cinco anos da revista serão publicadas no próxi-

mo número. Reforçamos também o convite para a submissão de artigos inéditos através de nosso site.

Boa leitura

Atenciosamente,

Marcelo Mari

Mario Caillaux

Simone Santos de Oliveira das Mercês